

# TEXTO DIGITALIZADO OU ROLO TECNOLÓGICO?

## DIGITALIZED TEXT OR TECHNOLOGICAL ROLL?

Magno Geraldo de Aquino\*

AQUINO, M. G. TEXTO DIGITALIZADO OU ROLO TECNOLÓGICO? *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 3, p. 153-158, jul./set. 2007.

**RESUMO:** A escrita está na fonte de todo progresso humano. Há cerca de vinte mil anos o homem exprime o seu pensamento através de meios gráficos e há cerca seis mil anos conhece as formas de escrita. Desde então a palavra escrita passou por evoluções, tanto em sua forma quanto em seus suportes, formas de organização, equipamentos, dispositivos, rotinas, serviços etc. Nessa perspectiva, pode-se perceber que houve rupturas resultantes dos usos de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do texto escrito. Dessa forma, podemos refletir a respeito das relações entre escritores e textos, leitores e textos e escritores e leitores, e também sobre como estas relações se transformaram através dos tempos, na medida em que os suportes textuais foram se alterando.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; Novas tecnologias; Leitura.

**ABSTRACT:** Writing is within the source of all human progress. Men have been expressing their thoughts through graphs for twenty thousand years and known writing for six thousand years. Since then, the written word has been through evolutions in its form and supports, organization, equipments, devices, routines, services, etc. on this perspective, it is possible to realize that there have been some disruptions resulting from the use of new composition modalities and the written text appropriation and spreading. We are able to reflect on the relations among writers and texts, readers and texts, and writers and readers, as well as on how such relations have transformed throughout time as textual supports have altered.

**KEYWORDS:** Writing; New technologies; Reading.

\*Professor de Psicologia, Psicólogo e Mestre em Educação. Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS.

Rua José Maria de Pádua, 181, Bairro Nova Era I, Lavras – MG, CEP: 37200-000, Telefone: (35) 9921-4872 magnoaquino@unilavras.edu.br

Recebido em junho/2007  
Aceito em setembro/2007

## INTRODUÇÃO

A escrita é um elemento fundamental de toda civilização evoluída, por facilitar e estender as comunicações, permitindo os registros necessários a uma sociedade organizada. No entanto, é impossível falar de uma origem comum aos sistemas de escrita, mesmo considerando que expressam provavelmente os mesmos imperativos econômicos, cada um em sua própria linguagem (AGUIAR, 2005).

A história (e a pré-história) da escrita acompanha o próprio desenvolvimento da civilização. É o pictograma a primeira grande invenção do homem no domínio da escrita. A origem da escrita pode ser situada em pelo menos 50.000 anos antes de nossa era, quando consideradas as inscrições em pedra ou osso, regularmente encontradas em vários sítios arqueológicos espalhados no mundo; e em 30.000 anos antes da nossa era, quando consideradas as figuras gravadas ou pintadas em cavernas. Em tempos menos remotos, pode-se afirmar que aproximadamente ao ano 4.000 a.C, na Mesopotâmia, surge o primeiro alfabeto a que temos conhecimento, levando em conta seu caráter de escrita e não de pintura.

Não só a escrita se desenvolveu, mas também seus suportes e registros, como também formas de organização, equipamentos, dispositivos, rotinas, serviços etc. Foi isso que ocorreu com a passagem da placa de argila para a folha de papiro; da folha de papiro para o rolo de papiro; do rolo de papiro para o rolo de pergaminho; do rolo de pergaminho para o códice; do códice para o livro impresso em papel; do livro impresso em papel para o registro digitalizado. Mas, apesar desse desenvolvimento tecnológico e evolutivo da escrita e seus suportes, podemos pensar em certa circularidade. É essa suposta e hipotética circularidade que tentaremos analisar neste texto.

### Desenvolvimento

Partiremos de um princípio óbvio, porém, não tão lógico: a leitura só pode acontecer se houver texto escrito. A partir deste princípio poderemos, então, fazer uma breve incursão pela história da leitura, mesclada pela história da escrita. Evidentemente que não temos a pretensão de esgotar o assunto, nem mesmo nos aprofundarmos na história da escrita da forma como é devida. Afinal, para um estudo sobre a evolução e a transformação, dos suportes textuais teríamos que fazer menção às várias formas de escrita que existiram e desapareceram, ou permanecem existindo de algum modo, e as que existem e nos são conhecidas. Além disso, não se poderia deixar

de mencionar os vários suportes para a escrita que foram utilizados nos respectivos contextos culturais de surgimento dos signos gráficos e que são utilizados hoje, ou ainda hoje.

Teríamos, ainda, para um aprofundamento na história da escrita, que levar em conta o contexto da escrita, de seu surgimento e de sua utilização. Nessa perspectiva, é importante afirmar que o contexto da escrita não se resume simplesmente a um local de uso e suas relações com o meio social. Nas palavras de Herrenschildt (1995):

O contexto da escrita não se define como o que a cerca e a torna possível: caneta, tabuinha ou memória central; ele é uma rede em que a escrita se prende e estende, por sua vez, sobre onde estamos: a relação das coisas da linguagem com as coisas do mundo, instalada pela língua dentro do homem, uma relação imediata, quase sensível, que estabelece uma identidade necessária, sempre, cada dia, rerepresentada – e, todavia, falaciosa. (p. 101-2).

Resume, esta pesquisadora, afirmando que o contexto da escrita é o homem na linguagem e no mundo.

Um outro detalhe muito importante a se levar em conta, e que pode ser considerado um erro de estratégia ao se expor sobre a história da escrita, é o fato de que a escrita não evoluiu de forma linear na história da humanidade. Em vários livros que tratam da história da escrita esta é apresentada como tendo uma história evolutiva relativamente linear: iniciada a partir dos sinais gravados em blocos de argila (escrita cuneiforme), com fins contábeis, na antiga Suméria (Mesopotâmia), até a escrita alfabética ocidental, grafada em papel.

Esta perspectiva coloca a escrita como um antigo invento (ou criação), humano, passado de geração a geração e sempre modificado para atender às novas exigências. Mas deixa de pontuar o fato de que os sinais gráficos podem ter surgido em diferentes situações e diferentes regiões, ainda que com fins semelhantes. Não se pode negar, evidentemente, que houve influências importantes nas formas de grafar os sinais de uma civilização para outra. Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que a escrita pode ter se desenvolvido de forma sincrônica em várias regiões, sem terem se influenciado mutuamente, e tiveram seu percurso evolutivo inicialmente sem interferência de outras civilizações e suas formas de grafar. Prova disso é o fato de ainda existirem escritas ideográficas, como no caso da escrita japonesa, escritas silábicas e alfabéticas, relativamente distintas em sua forma. Assim, contar a história da escrita como um evento contínuo e

linear é pecar pela simplicidade histórica evolutiva de um dos principais inventos da humanidade. Seu desenvolvimento deve ser compreendido sempre em termos de um determinado tempo e lugar, do conjunto dos objetos escritos, práticas e usos e o desenvolvimento dos suportes para a escrita.

Tomaremos como base para nossas especulações apenas quatro suportes para a escrita, a saber: o volumem ou rolo, o pergaminho, o códice e a tela do computador. Vamos nos limitar, entretanto, apenas às questões mais imediatas do suporte material dos textos, com o objetivo de pontuar as semelhanças que coexistem, ou existiriam, entre as maneiras de se ler o rolo de papiro, criado pelos egípcios, o pergaminho – há milhares de anos em desuso –, o códice e, num contexto mais atual, os textos digitalizados, bastante difundidos entre os usuários das novas tecnologias da informática. Faremos menção também às eventuais mudanças no processamento cognitivo das leituras. Podemos especular sobre a importância das mudanças históricas nas formas e suportes da escrita e ao uso de tecnologias da escrita associadas ao desenvolvimento cognitivo, mesmo sabendo que estas especulações sejam difíceis de se provar psicologicamente.

Não analisaremos as diferentes formas de grafar e os diferentes usos e práticas de leitura e escrita de que são provenientes. Sabemos, entretanto, que toda forma de escrita coloca seu usuário numa certa relação com o mundo, como afirmou Olson (1997). E, completando com as observações de Herrenschildt (1995), “dizendo” o mundo pelo escrito o usuário invade, explora e transforma as possibilidades intrínsecas ao seu próprio grafismo.

Evidentemente que, para se lançar em especulações a respeito das eventuais mudanças cognitivas no processo da leitura acarretadas pela mudança de suportes textuais, não se poderiam descartar as importantes mudanças que ocorreram nas formas de se ler o texto, desde o rolo, passando pelo pergaminho e chegando até os dias atuais, com o códice e os textos nas telas de computadores. Afinal, tanto o suporte material dos textos quanto a forma como o texto é lido são elementos imprescindíveis para a construção de sentido e interpretação da leitura em qualquer época (CHARTIER, 2002). Faremos, assim, algumas pontuações sobre a forma como se liam os textos em alguns suportes textuais.

Para uma visão mais completa, e complexa, sobre as possíveis modificações cognitivas relacionadas ao uso e apropriação da escrita, deve-se refletir sobre os signos notados – ideogramas, pictogramas, signos de um silabário e outras marcas – e sobre o fato de que esses signos e/ou marcas

oferecem ou não um suporte gráfico para exprimir qualquer relação entre as coisas da linguagem e as coisas do mundo e sua língua: o que não faremos aqui. No entanto, torna-se uma importante informação considerar que os signos do nosso alfabeto, em particular, não se referem a um objeto do mundo, nem a uma coisa da linguagem, como nós a concebemos, por ser um alfabeto descontextual.

Isso posto, podemos nos lançar aos nossos propósitos de refletir a respeito de alguns pontos do processo da leitura.

Lemos nossos textos, na atualidade, e quase nunca nos apercebemos da forma como são lidos. Em alguns casos só nos apercebemos da forma como lemos o nosso texto quando nos é apresentado o outro que lê o seu texto de forma não usual, para nós. Fato este evidenciado principalmente quando os suportes textuais são diferentes, as formas gráficas e, ainda, a direção percorrida com os olhos na/para a leitura.

Há muito foi convencionado que devemos escrever e, portanto, ler para compreender nossos textos, na direção da esquerda para a direita e de cima para baixo. E assim fazemos sem nos ocupar do porquê assim procedemos. Outra forma importante de se ler, atualmente, é em silêncio; e não nos damos conta de que há alguns séculos a leitura era comumente um ato coletivo: textos sagrados, preces e orações eram lidos em voz alta por um orador a vários ouvintes, em ocasiões festivas (CHARTIER, 1990). Ainda existem, atualmente, momentos de leitura em voz alta, coletivas ou individuais – leitura de histórias infantis para os filhos, à noite; leituras públicas em eventos solenes e religiosos; e a leitura de crianças, quando ainda não aprenderam a ler em silêncio, mas que diferem das leituras coletivas de épocas anteriores, em que haviam poucos alfabetizados e, portanto, leitores. A leitura coletiva em voz alta era uma forma de comunicação e/ou entretenimento sociais.

A leitura linear, silenciosa, da esquerda para a direita e de cima para baixo nos aparece como a forma correta de se ler. Tão certa que não nos apercebemos de que esta forma é apenas uma convenção social. Basta vermos um árabe lendo da direita para a esquerda, ou o japonês de cima para baixo, para nos atentarmos para a nossa forma de escrita e, portanto, de leitura.

A escrita, desde sua invenção, comumente atribuída aos Sumérios, até os dias de hoje, passou por diversas modificações, principalmente se levada em conta a forma como eram inscritas nos mais variados suportes materiais. Mas, segundo Aguiar (2005), há indícios de que a escrita possa ter surgido em outras

culturas, tendo pouca influência e contato entre uma e outra, no que diz respeito ao desenvolvimento de sua forma de escrita. É, assim, pouco sensato imaginar uma evolução linear das escritas mesmo em seus próprios suportes, pois não se deve esquecer que várias foram as formas de escrita encontradas em diferentes suportes, inventadas e utilizadas por distintas civilizações, em diferentes momentos na história da humanidade e em distintas condições históricas e sociais. Como exemplo pode-se referir à escrita na Grécia antiga. Coexistindo por muitos anos com a tradição oral, como forma predominante de preservação cultural e histórica, a escrita veio aos poucos substituindo aquela forma de preservação da memória. No entanto, no início, os textos que existiam eram menos para serem lidos e muito mais para serem declamados.

Para Gnerre (1991), desde muito a escrita era também privilégio de poucos, restrita principalmente às classes sociais mais abastadas, às pessoas alfabetizadas – e, mesmo com sua popularização na atualidade, continua sendo mal-utilizada, servindo, ainda, como forma de controle social. Afinal, a alfabetização, mesmo sendo um acontecimento em massa, mas não totalizado, não representa para todos o instrumento mais democrático para superação de suas dificuldades sociais.

A escrita, de início, se prestava basicamente para registros contábeis. Eram sinais entalhados em blocos de argila ou madeira e tinham como objetivo representar quantidades e “nomes” dos objetos pertencentes a determinadas pessoas.

Com o contínuo desenvolvimento da escrita os suportes também foram modificados. Estas modificações nos suportes, em princípio, dependiam dos materiais disponíveis, característicos e abundantes nas regiões em que a escrita se desenvolvia.

Um dos primeiros suportes para a escrita era constituído de blocos de argila. Assim, um dos mais antigos registros da escrita conhecidos, entre os Sumérios, foi encontrado num bloco de argila. Num tempo mais recente, o papiro (rolos de papiro) surgiu como suporte para a escrita entre os egípcios. As folhas de papiro escritas eram emendadas e formavam rolos. Os rolos de papiro, criados pelos egípcios, eram também chamados Volumem (rolos) pelos romanos. O volumem dificultava a leitura, pois o leitor tinha de mantê-lo aberto, utilizando as duas mãos. Tanto os blocos de argila, quanto os rolos de papiro eram suportes que, evidentemente, não permitiam a paginação.

Para a leitura do rolo de papiro é necessária a habilidade do leitor para tomar em uma e outra de

suas mãos o cimo e o baixo do rolo e esticar o papiro à sua frente, alçando-o à altura de seus olhos à frente de seu corpo, ou apoiado numa mesa. Mesmo nesta última forma o leitor não poderia debruçar-se sobre o texto, pois tinha que mantê-lo bem esticado para leitura.

Na leitura do rolo de papiro, o leitor poderia percorrer com os olhos, quase ao mesmo instante, a totalidade do texto a ser lido. Pode-se afirmar que o leitor tinha uma visão integral e geral do texto a ser lido. Esta característica permitia ao leitor construir uma imagem prévia do conteúdo do texto, antes mesmo de este ser lido, além de poder observar numa só sacada a disposição dos signos gráficos no suporte textual.

Ainda que suas dimensões, principalmente o comprimento, excedam aos padrões encontrados nas páginas dos atuais livros impressos, não se pode esquecer que cada rolo era composto por apenas uma página, contendo, assim, nesta única página, o texto/mensagem completo. Uma longa história registrada nos rolos de papiro demandaria um número alto de rolos que, desprovidos de marcação e de ordenação, inviabilizaria a leitura contínua da história, em relação à totalidade da obra. Portanto, o rolo de papiro deve trazer em seu interior a totalidade da mensagem que se quer transmitir, em todo o seu significado. O rolo de papiro permitia uma leitura contínua, sem interrupção da leitura, como não acontece na leitura do códice durante a passagem de páginas.

Nas palavras de Chartier (2002):

Sabemos que a leitura do rolo da Antigüidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade. (p. 30).

Com o surgimento do pergaminho, dobrado em si, mudou-se a disposição do leitor para as leituras e, conseqüentemente, sua relação com o texto lido.

O pergaminho, um outro tipo de suporte para a escrita, era obtido a partir de couros crus de cabra esticados, maceradas em cal, raspadas e polidas. Servia tanto de material de escrita, como também de encadernação. Era um material mais resistente, fino e mais durável que o papiro; além de permitir a escrita em suas duas faces. Lavado ou lixado, permitia escrever diversas vezes.

Foi o pergaminho que possibilitou o desenvolvimento do códice (ancestral do nosso conhecido livro), por meio da costura pelo vinco, sem

que as folhas se rasgassem ou se desgastassem pelo manuseio. Os pergaminhos eram dobrados certo número de vezes, o que determinava o formato do livro. Os cadernos formados a partir dos pergaminhos dobrados eram costurados uns aos outros e encadernados. Assim, os manuscritos foram evoluindo e desenvolvendo novos suportes, até chegarem ao papel, tal qual hoje se o conhece.

Nos livros atuais, ordenados por capítulos, em um único volume, o manuseio do livro impresso exige do leitor a habilidade do folheá-lo e a habilidade de passar os olhos para o lado a cada página lida. Torna-se necessário, ao leitor, ao percorrer de forma fragmentada página após página, ajustar e recombinar seus fragmentos num único texto.

O códice, como novo suporte para a escrita, transformou profundamente as formas de lidar com o texto. Alguns gestos inexistentes na utilização dos rolos tornaram-se necessários e possíveis como: escrever enquanto se lê e folhear uma obra, comparar duas ou mais obras abertas, localizar trechos a partir da paginação e da indexação. O códice permitiu uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto.

Além dos novos gestos e das novas formas de escritores e leitores lidarem com os textos, o surgimento do códice permitiu que houvesse uma redução nos custos da fabricação do livro. Isso porque o códice possibilitou a utilização dos dois lados da página, a redução das margens e a reunião de um grande número de textos em volumes menores. Chartier (1998) nos lembra que inicialmente, no entanto, não existiu a preocupação em se agrupar um grande número de textos em um códice somente. Nos primeiros séculos de sua existência, os códices mantinham um tamanho modesto e comportavam menos de 150 folhas, ou seja, 300 páginas. O que na contemporaneidade pode parecer um número significativo de páginas, entre os séculos II e IV não passava de um número moderado de páginas, insuficiente para comportar o conteúdo de vários rolos. Somente a partir do século V o número de páginas aumentou e os códices passaram a absorver o conteúdo de vários rolos.

O desenvolvimento da imprensa e a suposta disseminação da leitura e, conseqüentemente a possibilidade de alfabetização de um maior número de pessoas, permitiram uma profunda mudança na relação do leitor com o texto. Para uma história da revolução da imprensa ver Elizabeth Eisenstein (1998).

A leitura na tela do computador exige do leitor uma nova postura corporal que não se supõe na leitura tanto do rolo de papiro, quanto do pergaminho e do livro

impresso. Com o surgimento dos textos digitalizados, uma nova modalidade de leitura se apresenta. Essa nova modalidade de leitura não permite que o leitor se debruce, literalmente, sobre a obra lida, como pode acontecer com a leitura dos livros impressos. Exige-se do leitor que olhe para frente, assentado, na maioria das vezes, e numa postura confortavelmente ereta. O texto lido é apresentado quase sempre numa posição perpendicular à sua linha de visão. Poderíamos dizer que a leitura através da tela de um computador é uma leitura pouco aconchegante, em que o leitor não pode sentir a materialidade do texto lido e manuseá-lo. Tanto o pergaminho quanto o livro podem ser manipulados materialmente.

Os textos digitalizados são profundamente diferentes, tanto de uma modalidade de leitura, a dos rolos de papiro, do pergaminho, quanto de outra, do códice. A leitura de textos digitalizados na tela do computador não mobiliza o corpo inteiro e, de certa forma, permite ao leitor que escreva enquanto leia, podendo fazer correções e inserções de letras, palavras e mesmo textos em lugares julgados como necessários. Este texto, no entanto, não permite os gestos distintivos e característicos do códice, como o debruçar-se sobre a leitura, e nem mesmo dispõe de alguma forma de materialidade.

Mas, há semelhanças características de uma e outra modalidade que coexistem nos textos digitalizados, como se este fosse uma espécie de síntese daqueles. Os textos digitalizados, mesmo quando subdivididos em páginas e capítulos permitem, ainda assim, uma leitura contínua e, em alguns casos, permite citar trechos com precisão e estabelecer índices. É importante notar que estamos aqui nos referindo aos textos digitalizados disponibilizados para leitura através da tela do computador e não de textos eletrônicos, no formato de hipertextos, que proporcionam uma leitura dosificada, sem a necessária atenção ao conteúdo de uma página e que, por conseguinte, caracteriza uma leitura descontínua, segmentada e fragmentada, como comenta Chartier (2002).

É evidente que a relação do leitor com essa a modalidade de leitura através da tela do computador é drasticamente diferente daquela que se mantinha com os blocos de argila, com os rolos de escrita da antigüidade, do pergaminho e do códice, ainda atual. Assim, não podemos nos esquecer que estes suportes para a escrita, por si sós, mobilizam diferentes esforços cognitivos com intensidades também distintas para o processamento da leitura e sua forma. Esta observação já seria o suficiente para colocar em xeque qualquer afirmação descuidada encontrada neste texto. No entanto,

não se sabe ainda como essa nova modalidade de leitura, possibilitada pelo texto eletrônico, transforma essa relação do leitor com a leitura e, portanto, quais as conseqüências cognitivas podem trazer. E nestes termos nos redimimos.

Quais são as implicações cognitivas criadas com essa modalidade de leitura possibilitada neste suporte da escrita? Qualquer especulação neste momento poderá ser demasiado superficial, uma vez que o acesso à tecnologia é, ainda que difundida, para a maioria da população uma realidade distante. Portanto, difícil prever suas implicações cognitivas mais marcantes.

Olson (1997) especulou sobre a linguagem escrita afirmando que esta tem a capacidade de transportar a pessoa para um mundo representado no papel pela escrita. Como pode ser pensado este mesmo transportar para uma situação em que o suporte do texto é uma tela de computador, portanto virtual? Não se esquecendo, obviamente, que qualquer "viagem" ao mundo da escrita é inegavelmente virtual, independentemente do seu suporte.

Então, sobre que fenômenos cognitivos se fala, quando se especula sobre as implicações cognitivas criadas a partir da leitura de textos em um suporte como a tela do computador?

A resposta a estas questões não é de fácil construção, pois são muitos os elementos que devem ser levados em consideração. Afinal, a revolução do texto eletrônico marca uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte para a escrita e também a revolução das práticas de leitura.

## CONCLUSÃO

Ao se refletir sobre a escrita e a leitura é essencial se considerar que os textos não existem fora de seus suportes materiais. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que um mesmo texto fixado em letras em um determinado suporte textual não será o mesmo, caso seja mudado o dispositivo que lhe sirva de suporte para sua escrita e à sua comunicação (CHARTIER, 2002). O suporte é fundamental e determinante para a escrita e para a leitura.

Em todo o desenvolvimento da escrita e, portanto, dos seus suportes houve, também, a evolução da forma como o leitor se relaciona com os textos. Na sua história pode-se, portanto, notar a mudança dos gestos e das formas como escritores e leitores se relacionavam, e ainda se relacionam, com os textos escritos e lidos, quase sempre determinados pelo suporte da escrita e os usos a

ela priorizados. Afinal, cada suporte para a escrita mobiliza estratégias distintas para a leitura. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que tanto o suporte material dos textos quanto a forma como o texto é lido são imprescindíveis para a construção de sentidos, significados e interpretação da leitura.

No entanto, mesmo distintas, tais estratégias de leitura guardam algumas semelhanças importantes na forma como o texto é processado e interpretado. Assim, apesar das dessemelhanças óbvias, gostaria de acreditar, com certa graça, que a leitura de hoje, dos textos digitalizados, pode até mesmo ser identificada com a forma de leitura dos pergaminhos. Não precisamos desenrolar o papiro e ler o texto, mas a barra de rolagem nos dá uma mesma perspectiva de leitura. Contudo, não a mesma perspectiva de manuseio. Nesse sentido, podemos afirmar que os textos de hoje, lidos na tela do computador, paginados e contínuos, graças à barra de rolagem do texto, é uma forma de pergaminho tecnológico.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. A. **Que haja a escrita**. São Paulo: Quinteto, 2005.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- EISENSTEIN, E. **A Revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.
- GNERRRE, M. **Linguagem escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.